Uma colheita de cores

Chamo-me Violeta e vivo na mata com a minha Avó. Como gostamos ambas de nos levantar antes do nascer do sol, a minha Avó diz que somos aves madrugadoras.

Eu sou um lóris arco-íris, sempre a guinchar e a bater as asas, e a minha Avó é uma garça de cabelo branco, idosa e sábia.

Damos sempre muitos passeios depois de escurecer. Melhor dizendo, costumávamos dar…

— Vamos lá, Avó. Toca a levantar! — começava eu por dizer.

Enquanto ela fazia uma chávena de chá, eu alinhava os nossos sapatos na borda do alpendre. Às vezes, atrapalhava-me com os atacadores, mas a Avó ajudava-me sempre.

— Ora vamos lá "colher" algumas cores! — exclamava ela, num tom brincalhão.

Depois de descer o carreiro sinuoso da nossa casa até ao portão, entrávamos no trilho, justamente na altura em que o sol já espreitava por detrás do cume.

As primeiras cores que víamos eram os cinzentos chamuscados das árvores da borracha, cheias de troncos ondulantes. Seguia-se a relva amarela e estaladiça, a terra de um tom ocre avermelhado, e as flores das tangerineiras, que pareciam tutus de bailarinas pendurados em ramos. As catatuas pretas e brilhantes, com pequenos laivos de vermelho nas asas, as nuvens brancas e delicadas a deslizarem pelo céu adiante, e o verde lustroso dos rebentos das cícades completavam o quadro que nunca nos cansávamos de admirar.

Enquanto observávamos, como estátuas, todo aquele mundo de cor, esperávamos que o sol matinal nos transformasse em ouro. Mas tudo isto aconteceu antes de a Avó adoecer.

— Vamos lá, Avó. Toca a levantar! — digo.

— Hoje não, Violeta. Hoje preciso de descansar.

A minha Avó costumava ser a garça branca de longas pernas. Andávamos aos saltos pela casa fora e víamos quem chegava primeiro à caixa de correio. Depois a minha Avó caiu, e o médico disse que ela tinha de ficar de cama.

Claro que ela brinca com a situação, dizendo que é um pássaro-jardineiro e que está a construir um ninho. Pede-me que lhe leve tesouros, e eu vou ao quintal em busca de objetos de cor azul.

Até agora, encontrei um velho prego de madeira, um pouco de fio e um pedacinho de vidro que o sol arredondou.

Quando lhos levo, a minha Avó diz que sou uma "querida" e dá-me um abraço. Coloca os tesouros numa taça especial na mesinha de cabeceira. Fico contente só de olhar para eles.

— Já fui um lóris arco-íris como tu — diz, com os olhos a brilhar.

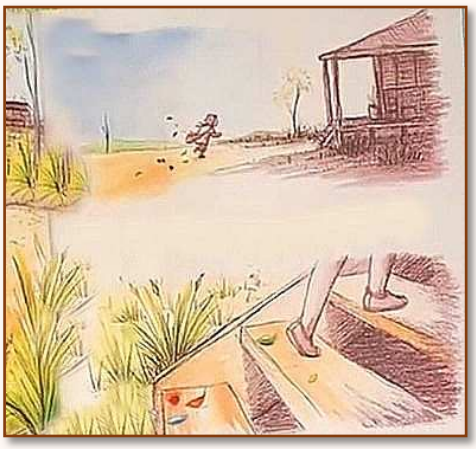
— Tens saudades das cores, Avó? — pergunto. Ela acena que sim. Olho para a taça de tesouros azuis e, de repente, sei o que devo fazer.

— Volto já, Avó — aviso.

Ainda está escuro lá fora. Percorro o alpendre ao pé-coxinho e concentro-me na tarefa de apertar os atacadores. Olho para a mata com atenção e espero que a cerca de madeira comece a brilhar.

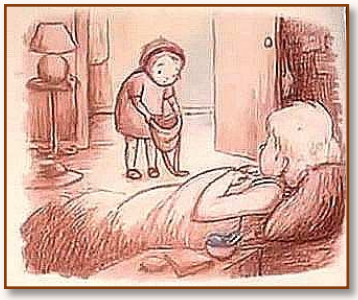
Depois, pego na bicicleta e começo a pedalar. Desço o carreiro sinuoso da nossa casa até ao portão e entro no trilho que vai dar ao cume. Quando paro, penso na minha avó e no seu cabelo branco; penso nos lóris que enchem o céu com as suas asas da cor do arco-íris. E começo a "colher" as cores.

“Colho” os cinzentos ondulantes, os amarelos estaladiços, os ocres avermelhados, os vermelhos garridos, os brancos delicados e alguns laivos de prata. Por último, “colho” uma mão-cheia de tangerinas, cujos tutus de bailarinas me fazem cócegas.



Quando regresso a casa, chamo:

— Acorda, Avó, acorda! Vê só as cores que estive a “colher” para ti!



— Cores? — pergunta ela, admirada.

— Oh, acabei de as perder! — exclamo, desanimada.

— Não te preocupes. Ainda tenho estes tesouros — diz a minha Avó, apontando para a taça cheia de objetos azuis.

— Mas não é o mesmo! — objeto.

— E se fechássemos os olhos e tentássemos ver algo? — propõe ela.

Subo para a cama, que cheira a hortelã-pimenta, e fechamos os olhos.

— Lembra-te da relva amarela e das folhas chamuscadas da árvore da borracha — diz a minha Avó. Aperto bem os olhos e digo:

— Sim, estou a vê-las…

— E das catatuas negras com caudas vermelhas garridas…

— Sim. E não te esqueças dos tutus das tangerinas e das nuvens brancas e delicadas…

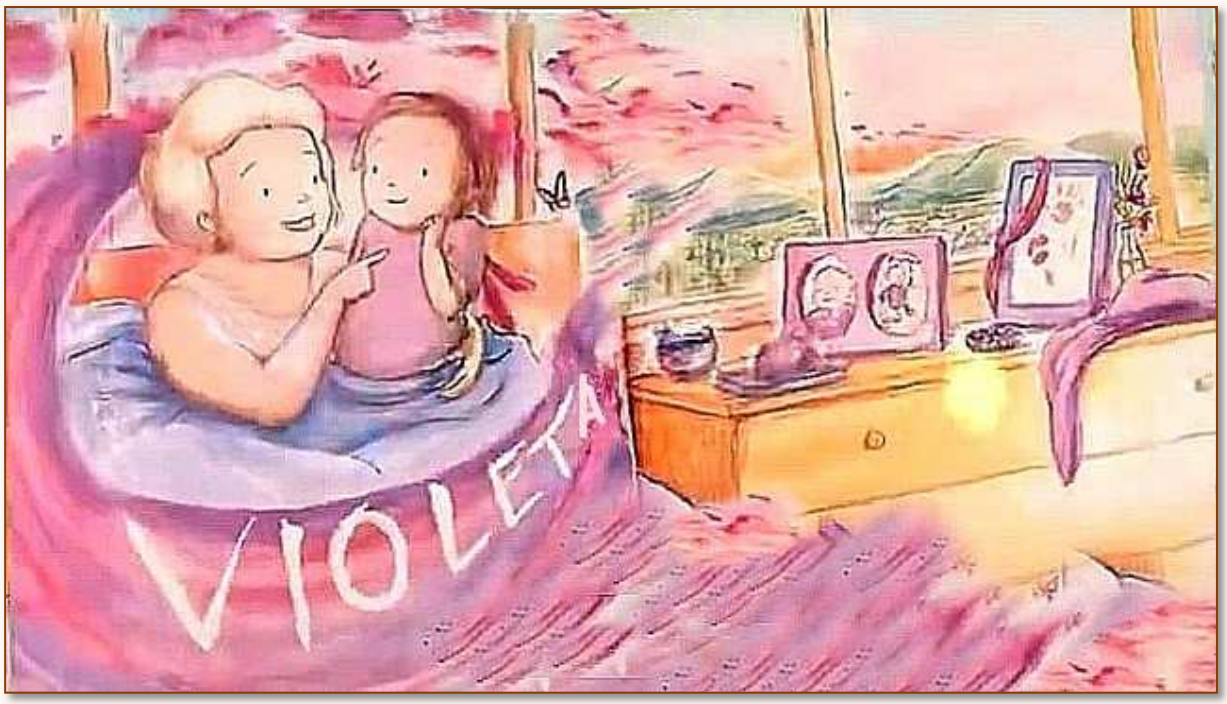
— Olha, lá vem o canguru com o pelo cor de canela! E também o lagarto, com as suas escamas malhadas, seguido pelo pitão com pele cor de azeitona… Que lindo! — exclama a Avó.

— Olha, Avó, vem aí o sol para transformar tudo em ouro!

— Obrigada, querida — agradece, dando-me um abraço. — Mas esqueceste-te da minha cor favorita.

Abro os olhos.

— Não sabia que tinhas uma cor preferida.



— Claro que tenho — diz ela a sorrir. — É o… VIOLETA.

Johanna Bell
The Colour Catchers
Omnibus Books, 2020
(Tradução e adaptação)